

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

Franca: jovens e automóveis do tempo presente
[France: young people and cars of the present time]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Lopes, Luís Carlos
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-01 21:48:01
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/162820

francesas quebrando tudo, agem como se, improvisamente, quisessem aderir in toto à imagem que a sociedade faz deles. A sua violência é um sintoma de desilusão e uma demanda. Para as pessoas constantemente discriminadas por causa do bairro em que vivem, da cor da pele ou da bagagem econômica e cultural, a violência se torna um modo de existir e ser reconhecidos. Sem violência, ninguém se preocuparia com eles. Naturalmente, isso é só uma constatação e não uma justificação.

Transformando e rehabilitando o espaço das periferias é possível inverter a tendência?

O espaço e o social estão sempre conectados. No entanto, não basta transformar o espaço para modificar as relações sociais. A restauração dos bairros deve fazer parte de uma batalha mais geral contra a marginalização socioeconômica dos seus habitantes. Dito isso, as intervenções urbanísticas podem ser úteis para superar o isolamento. A degradação do espaço não só exprime a degradação social mas a multiplica. Renovar e transformar os guetos urbanos é um modo de reconhecer e valorizar os seus habitantes, E quando nos sentimos respeitados, respeita-se também os outros.

Artigo da semana

França: jovens e automóveis do tempo presente

Por Luís Carlos Lopes

”O anarquismo incendiário destes jovens, não-politizados pela escala convencional, talvez tenha muito mais significados do que se imagine. Seriam eles os novos bárbaros que abalariam os fundamentos do neoliberalismo? É cedo para afirmar. O que se sabe é que está ocorrendo na França pode ocorrer em muitos outros lugares do mundo. Basta haver miséria, poder de Estado insensível, gasolina e juventude”. A análise é de Luís Carlos Lopes, professor do Instituto de Artes e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense em artigo publicado pela **Agência Carta Maior**, dia 7 de novembro de 2005. Eis a íntegra do artigo, publicado também no [sítio www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) na última semana.

A mídia trata a rebelião juvenil nos subúrbios de Paris como obra de vândalos e incendiários. Como não atentar para o fato de que esses rebeldes, ao contrário dos de 1968, vêm das periferias urbanas e escolheram o automóvel, principal bem simbólico de nosso tempo, como alvo?

A rebelião juvenil, começada há mais de dez dias nos subúrbios de Paris, está se espalhando, com características muito semelhantes, por várias partes do território francês. As notícias veiculadas

falam de um *modus operandi* que inclui a destruição obsessiva de automóveis, o incêndio de prédios públicos e privados e o enfrentamento com as forças policiais.

O coquetel Molotov garrafa com gasolina e uma mecha parece que é a principal arma dos insurretos. Há notícias do uso de pedras, de paus e dos punhos. Domingo último, foi noticiado um caso isolado de uso de armas de fogo, produzindo alguns feridos. As polícias, encarregadas da repressão,

usam o arsenal contemporâneo de armas não-letais, permitido pelas democracias do pós-guerra. Até o presente momento, não há informações sobre o uso de maior força bélica. Existem dezenas de presos e alguns feridos. Os bombeiros são peça chave do aparato de poder, devido à sucessão interminável de incêndios.

O espetáculo midiático conservador trata os jovens como vândalos e incendiários. Relata que a rebelião vem ocorrendo nas noites frias do quase inverno francês, iluminado por inúmeras fogueiras e, também, movimentadas por correrias e gritarias dos excluídos da riqueza local. Os rebeldes, muito diferentes dos de 1968, vêm das periferias urbanas, sobretudo de Paris, onde se concentram os graves problemas dos emigrantes e dos nativos mais pobres. De modo geral, as mídias mais integradas ao poder de nossa época não têm interesse em analisar as condições de vida e emprego destes insurgentes. Obviamente, há todo um interesse em chamar à atenção para a presença de muçulmanos e de negros.

Ao que parece, o movimento é fundamentalmente espontâneo. Seu desdobramento foi, possivelmente, mimetizado a partir da leitura pública das mídias de sua existência. A aparição nos veículos dos discursos racistas e conservadores de membros do governo Chirac retroalimentou o movimento, tal como se usasse gasolina para apagar um incêndio. O governo é co-responsável por tudo o que está ocorrendo. Vive-se uma crise política local, com desdobramentos ainda desconhecidos.

As razões desta insurreição referem-se à face que normalmente se esconde das nações contemporâneas, ou se destacam como problemas exclusivos do denominado Terceiro Mundo. Na Europa ocidental rica e orgulhosa do sucesso do euro, milhões de pessoas têm imensas dificuldades de sobrevivência. Diz-se aos jovens, por meio da publicidade massiva, que eles devem consumir os símbolos da atual modernidade. Mas, as possibilidades de um simples emprego são de fato distantes, quando não inalcançáveis.

A destruição de centenas de automóveis não deve parecer estranha, apesar de historicamente nova. Afinal, o automóvel é o principal bem real e simbólico de nosso tempo. O que seria do mundo atual, onde as nações são conduzidas a desenvolver modelos de consumo similares, se a produção e venda de carros sucumbisse? A publicidade diz para todos que ser feliz é dirigir uma máquina em uma auto-estrada. O sentido da vida tem quatro rodas. O amor é possível para quem dirige. O sucesso é simbolizado pelo preço, modelo e aparência do veículo que se possui.

O anarquismo incendiário destes jovens, não-politizados pela escala convencional, talvez tenha muito mais significados do que se imagine. Seriam eles os novos bárbaros que abalariam os fundamentos do neoliberalismo? É cedo para afirmar. O que se sabe é que está ocorrendo na França pode ocorrer em muitos outros lugares do mundo. Basta haver miséria, poder de Estado insensível, gasolina e juventude.